



## **As tecnologias de informação e comunicação e sua utilização como metodologia pedagógica**

Olívia Bandeira de Melo<sup>1</sup>

Desde o final do século XIX, com as revoluções burguesas, os processos de comunicação passaram a ser entendidos como estratégias de inserção do indivíduo na sociedade. Nesse momento ganha impulso o desenvolvimento de tecnologias de informação e comunicação que alimentaria aquilo que mais tarde foi denominado de “sociedade de massas”. No decorrer do século XX, especialmente a partir de sua segunda metade, a velocidade no surgimento de novas tecnologias foi transformando o papel e a importância da comunicação como fenômeno social e também como campo de interesse e de atuação de diversas outras áreas da sociedade. Tida desde seu surgimento e ainda hoje como espaço privilegiado de inserção do indivíduo na sociedade, a escola está atenta a esse fenômeno e busca respostas à questão: como educar o cidadão para a sociedade midiaticizada?<sup>1</sup>

Diferentes instâncias governamentais (federação, estado, município) disponibilizam as novas tecnologias às unidades de ensino – aparelhagem de rádio, vídeo e, sobretudo, os computadores e suas conexões de rede. As máquinas entram na escola sob os olhos dos diversos atores que a constituem e provocam os mais diversos sentimentos e reações. No geral, os alunos comemoram o acesso às promessas de prazer e pertencimento à sociedade na qual a tecnologia tem um papel cada vez mais central; os pais ficam aliviados diante da perspectiva de melhor inserção de seus filhos no mercado de trabalho; os gestores públicos vêem cumprida sua missão. Os diretores se orgulham de ter uma escola equipada de acordo com as exigências da sociedade, mas vivem a angústia de não saber como administrar e cuidar desses equipamentos. Já os

---

<sup>1</sup> Coordenadora de projetos da ONG Bem Tv – Educação e Comunicação.

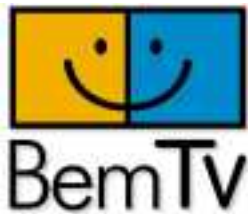


professores, que acabam concentrando a responsabilidade por fazer esses equipamentos terem função em sala de aula, podem apresentar uma gama mais variada de sentimentos, muitas das vezes contraditórios: medo, alegria, ansiedade, alívio, dúvida, resistência, indiferença.

Esses sentimentos podem estar ligados às diferentes percepções do papel e dos efeitos da comunicação no campo educacional. Muitas dessas percepções são reflexos de perspectivas da comunicação que se refletem na educação. Uma das visões tem origem na abordagem funcionalista, elaborada no auge da disseminação da TV e da rádio, segundo a qual o emissor teria o controle sobre o efeito de sua mensagem sobre o receptor. Esta visão, que tem em Claude Shannon um de seus principais idealizadores, atribui importância à eficácia e não à significação do processo. A mensagem, imbricada da ideologia do emissor, encontraria um receptor passivo, provocando sua alienação. Nesse sentido, as mídias são consideradas nocivas aos estudantes e concorrentes da escola, uma vez que moldam o pensamento dos alunos, seu comportamento moral e social, e desviam seu foco de atenção dos livros, da oralidade e de demais procedimentos e conteúdos utilizados pelo professor em sala de aula.<sup>ii</sup>

Outra visão remonta do final da década de 1960, quando estudiosos da comunicação começam a rever o papel do receptor nos processos comunicativos. As teorias já o colocam como sujeito ativo da comunicação. Ele não é mais moldado pelas mensagens que lhe chegam, mas elabora essas mensagens de acordo com seus referenciais culturais e pessoais. As mídias não são mais vistas como prejudiciais aos educandos e penetram o cotidiano escolar como um elemento para a compreensão da dinâmica social e a preparação dos alunos em seu processo de inserção na comunidade. Nessa perspectiva, as mídias representam também mais um desafio aos professores.

Mais à frente, com a teoria das mediações, proposta por Jesús Martín-Barbero, além do receptor ativo, evidencia-se o processo de produção e circulação das mensagens. O desafio colocado ao sistema educacional aumenta, na medida em que se acredita que não basta as tecnologias de informação e comunicação trazerem a atualidade para a sala de aula, ajudando os educandos a desenvolver competências para sua socialização. Torna-se necessário dominar



as tecnologias e entender as linguagens trabalhadas por elas para, assim, poder (inter)agir na sociedade.

A partir da década de 1990, observa-se um excessivo entusiasmo em relação às novas tecnologias de informação e comunicação (internet, TV digital, etc.), como se a maior possibilidade de interatividade propiciada por elas fosse garantia de autonomia na aprendizagem e de democratização da produção e do consumo de informações. Essa aposta no poder de transformação da mídia é seguida de uma desvalorização dos livros, da sala de aula, das tecnologias consideradas não-interativas (como a televisão), e questiona até mesmo a validade da escola no mundo contemporâneo.

Sob a ótica da primeira perspectiva, funcionalista, os sentimentos na escola são de resistência, medo ou mesmo repulsa<sup>iii</sup> às informações trazidas pelas tecnologias de informação e comunicação – sobretudo a televisão –, e o desafio é tornar a sala de aula tão agradável que a escola “ganhe na queda-de-braço” com a mídia. Foi para suprir essa demanda, por exemplo, que surgiram os materiais didáticos em suportes midiáticos, como os vídeos, os CD-ROMs e os softwares educativos.

Nas perspectivas da recepção e da mediação, os sentimentos são mais complexos: certamente é um alívio, uma alegria receber os equipamentos na escola. Mas, ao mesmo tempo, surgem dúvidas e ansiedade: como fazer para utilizar essas tecnologias em proveito da educação se elas não vêm acompanhadas da devida capacitação dos profissionais? É necessária a existência de um profissional para cuidar das tecnologias de informação e comunicação na escola ou todos são responsáveis pela articulação entre comunicação e educação? Qual é o papel do professor nesse processo?

As tecnologias de informação e comunicação provocam impacto em dois dos principais objetivos da escola moderna: a aprendizagem e a socialização do indivíduo. Em relação à aprendizagem, um primeiro ponto a ser observado é o aumento significativo de informações em circulação na sociedade e a velocidade com que elas são apresentadas. Além de abundantes, essas informações chegam aos receptores de forma aleatória, o que dificulta sua seleção, sua análise e sua inserção em um contexto mais amplo e acaba por naturalizar os



acontecimentos, ou seja, apagar as origens das informações. Isso obriga a escola – que tradicionalmente fornece aos alunos um conhecimento já sistematizado – a preparar seus alunos para a seleção, a organização e a análise desses saberes, mesmo porque a mídia veicula informações quase sempre na forma de eventos, sem maiores relações com um contexto geral, com os processos sociais, políticos e econômicos que antecedem os fatos descritos. Isso pode levar a uma espécie de amnésia dos espectadores/consumidores de informação: é como se um dado problema, por exemplo, simplesmente deixasse de existir quando não está mais em circulação na mídia.<sup>iv</sup>

Multiplicam-se também os dispositivos de mediação e circulação de informações, ampliando as formas dos indivíduos captarem aspectos da realidade, que passa a ser representada por sons, imagens, expressões verbais e por todos os processos de seleção, montagem, edição, ritmo e interatividade que podem ser produzidos a partir de todos esses registros. Ao organizar a recepção das mensagens por meios tão diversos e, principalmente, ao ajudar os alunos a desvendar os mecanismos de produção midiática, a escola pode contribuir para o caráter reflexivo da aprendizagem – para a capacidade do aluno de selecionar as informações, refletir sobre elas e (re)criar conhecimento.

Este último aspecto está ligado a uma característica que passou a ser valorizada com a disponibilização crescente das tecnologias de informação e comunicação: a autoformação. Cada vez mais, os indivíduos são levados a buscar os elementos para sua própria capacitação. Neste processo, está incluída não somente a educação a distância, considerada como parte do ensino formal, mas a capacidade dos indivíduos de utilizar os meios para buscar os conhecimentos necessários a suas vidas. As competências para a autoformação não são uma novidade no meio educacional. Mas, como salienta José Luiz Braga e Regina Calazans, “até recentemente, [elas] eram tratadas como características individuais, como talento eventual (...). Novo é perceber, hoje, que todos os desempenhos sociais, profissionais ou não, são beneficiados por tais competências; e ainda, que estas não são necessariamente talentos inatos mas, justamente, uma dimensão da aprendizagem”.<sup>v</sup>



Em relação ao objetivo de socialização da educação formal, é claro que, se hoje vivemos numa sociedade midiaticizada, é para ela que a escola tem de formar seus alunos. Assim, os indivíduos precisam estar preparados para interagir com os meios e para interagir entre si através dos meios. Isso implica não só aprender tecnicamente a utilizá-los, mas, como já foi dito, entender seus mecanismos de produção.

Se os objetivos da escola têm suas configurações modificadas, é claro que os papéis do professor e do aluno também têm de ser revistos. Uma das formas consideradas por aqueles que trabalham com mídia e educação é que o professor deixe de ser aquele que transmite saberes para os alunos e passe a ser o mediador entre estes e o conhecimento. Isso propicia maior possibilidade de troca e de diálogo na relação educador/educando, porque o aluno passa a compartilhar a gestão de sua aprendizagem.

Certamente, a capacitação técnica do professor para utilizar os meios de comunicação se apresenta como um problema. Algumas secretarias de educação costumam minimizá-lo colocando à disposição das escolas um professor capacitado ou um técnico em comunicação que fica responsável por atender às demandas de todos os demais professores e suas respectivas turmas. Teóricos como o professor Ismar de Oliveira Soares, do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE/USP), defendem mesmo a existência de um “educomunicador”: um profissional de formação nas áreas de comunicação e educação que seria responsável por gerir a utilização de novas tecnologias na escola. Outros consideram que essas medidas não são suficientes e que o ideal seria que a maior parte dos professores tivesse autonomia técnica e pedagógica para utilizar os equipamentos e/ou conseguisse estabelecer parcerias eficientes que contribuíssem para esse processo.

Mas não é necessário esperar soluções para a capacitação técnica do professor a fim de que o trabalho com a comunicação possa ser desenvolvido nas escolas. Uma das alternativas mais interessantes está na parceria entre alunos e professores. Crescidos num mundo em que a tecnologia abundante já estava presente, em que um celular simples é capaz de captar imagens e enviar mensagens, em que a forma de relacionamento interpessoal passa largamente pela internet, as crianças e os jovens são capazes de dominar os meios de



comunicação com muito mais facilidade do que o professor que precisa se adaptar a um mundo de rápida inovação tecnológica. Os resultados – como mostram as experiências das organizações não-governamentais que trabalham com formação de jovens por meio da comunicação – são surpreendentes. Mas, para isso, uma coisa é fundamental: a escola não pode temer entregar o equipamento na mão do aluno sob a alegação de que eles serão “destruídos”. Os equipamentos não têm razão de existir na escola se não forem utilizados para cumprir seus objetivos de aprendizagem e socialização do educando.

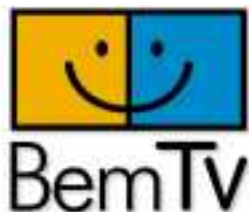
A presença das tecnologias de informação e comunicação na escola não garante as mudanças nos processos de aprendizagem e socialização. O mais importante é a maneira como essas ferramentas são utilizadas, quais os objetivos e os momentos adequados para sua utilização, qual a adequação desses métodos ao projeto da escola, quais as diferenças (vantagens e desvantagens) em se utilizar a comunicação como produto (trabalhar em cima de materiais midiáticos existentes) e como processo (usar a produção de materiais de comunicação pelos alunos como processo educativo).

---

<sup>i</sup> Há várias denominações para essa sociedade na qual as tecnologias de informação têm um papel central. O termo “sociedade midiaticizada” é utilizado por aqueles que acreditam que o receptor é ativo e interpreta as informações que chegam até ele de acordo com sua bagagem cultural. Já termos como “sociedade da informação” dão excessiva importância às mídias como sujeito, acreditando que os receptores recebem as ideologias transmitidas por elas passivamente.

<sup>ii</sup> Se a comunicação estabelecida por tecnologias é uma das principais características da sociedade contemporânea, ela não só deveria entrar no espaço escolar como deveria ser debatida por ele. Assim, por exemplo, em vez de criticar a má influência que a mídia hegemônica exerce sobre as crianças e os jovens, a escola poderia discutir o porquê da “má” qualidade do conteúdo dos programas, o porquê da pouca atração que os programas educativos exercem sobre os receptores, como funcionam as concessões de TV e rádio, etc.

<sup>iii</sup> O desconhecimento dos potenciais da comunicação como ferramenta pedagógica gera quedas-de-braço infundáveis entre professores e alunos. Um exemplo que podemos citar é o do Orkut, site de relacionamentos que virou febre entre adolescentes brasileiros. A escola – na maior parte das vezes orientada pelas secretarias de educação – tende a bloquear o Orkut por considerar que desvirtua a aprendizagem e coloca o aluno em contato com um conteúdo impróprio, porque colocado na rede por



---

qualquer usuário, sem qualquer controle. No entanto, fora ou dentro da escola os alunos terão contato com o site. Se a escola deixar de lado esse fator, estará deixando de orientar os alunos para o potencial de utilização da internet, além de perder a oportunidade de utilizar uma ferramenta que atrai a atenção dos jovens em seus processos educativos. Um exemplo do potencial educacional do Orkut é a comunidade “Net Vivo” (<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=31016326>), produzida por alunos da oficina de Mídias Digitais do projeto Olho Vivo, realizado pela Bem Tv.

<sup>iv</sup> Durante a exibição da novela *Laços de família*, da Rede Globo, em 2000, ocorreu uma corrida aos hospitais especializados para a doação de sangue e medula óssea. A motivação foi a “campanha” realizada pelo autor da novela, Manoel Carlos, ao colocar em cena uma protagonista que se descobre com leucemia e depende do transplante para sobreviver. Segundo Larissa Rocha, em seu trabalho *Telenovela e merchandising social*, o número de doadores de sangue no Instituto de Hematologia passou de 10 para 154 ao mês e o de doadores de medula no Instituto Nacional do Câncer de 10 para 149 ao mês; o número de pessoas no Registro de Doadores Voluntários de Medula Óssea teve um aumento de 4.400% nos cinco meses em que durou o drama da personagem. Passada a novela, os bancos de medula óssea voltaram a amargar o preconceito da sociedade em relação a esse tipo de doação.

<sup>v</sup> BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Regina. *Comunicação & educação*. São Paulo: Hacker, 2001. (Col. Comunicação.)